

Jorge Luiz Ribeiro de Medeiros

A noite não é o fim do dia:
é o começo do dia que vem
Guimarães Rosa



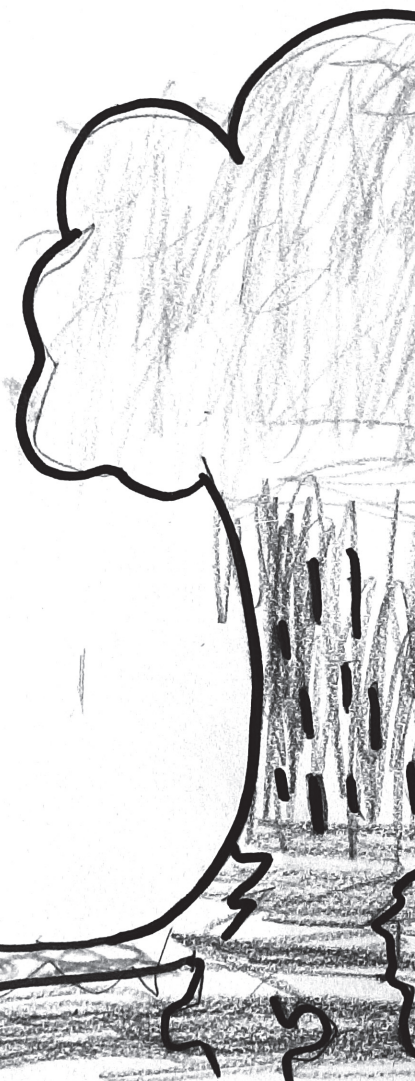
Jorge Luiz Ribeiro de Medeiros

*** 23/04/1982, Rio de Janeiro**

† 25/08/2021, Brasília

Luisa

Luke





Adriana

Léia



Lucas





JORGE FOI UM ATIVISTA da igualdade, um amigo divertido e acolhedor, um filho e um irmão amoroso, um companheiro adorável, um pai carinhoso, presente e partícipe dos cuidados domésticos. Jorge foi vários, porque várias são as dimensões dos que se propõem à humanidade.

Graduou-se em Direito na Universidade de Brasília em 2005. Tornou-se Mestre em Direito em 2007 também pela Universidade de Brasília. Foi professor da Universidade Federal de Goiás – Regional Goiás entre 2009 e 2013. Desde 2013 até a data do seu falecimento integrou o quadro de membros do Ministério Público Federal, com lotação em Manaus (AM) e Rio Verde (GO) e com atuação destacada na defesa incansável dos direitos humanos.

Jorge descansou na manhã de 25/08/2021. Contra a doença, um glioblastoma, travou a luta dos fortes e justos, tal como tantas outras lutas que travou na vida, contra as injustiças sociais.

Ao tempo em que sentimos sua ausência, brindamos o seu legado. Na certeza de que Jorge não foi: Jorge é! Porque é presente em cada um de nós.

Adriana Andrade Miranda
(Esposa e amiga)

Letícia Bartolo
(Amiga)





MEU AMOR PELA MARVEL veio todo dele, pois, desde pequena, eu assisti todos os filmes com ele. A gente sempre ia ao cinema ver os filmes e esperávamos ansiosos o lançamento de novos episódios das séries. E não foi só com os filmes da Marvel, ele também me apresentou *Star Wars*, *Jurassic Park*, *Karatê Kid* e muitos filmes produzidos nos anos 1990. Ele é um dos motivos de eu amar tanto ir ao cinema e assistir filmes. A gente sempre ia assistir os lançamentos, ele me mostrava os filmes da época dele, e sempre tinha pipoca, porque nós dois éramos viciados em pipoca. E a pipoca que ele fazia era a melhor, sério, nenhuma supera. Ele também é um dos motivos de eu amar música e fazer TUDO ouvindo música, porque ele também era assim: às 07h30 da manhã, ele já estava fazendo café, que perfumava toda casa e ouvindo música alta. E eu sou assim, como ele: apaixonada por cinema, música alta, pipoca e café (no meu caso, café gelado!).

Luiza Miranda de Medeiros
(Filha)





TRÊS FILHOS! TRÊS FILHOS frutos do meu amor com Paz Therezinha, minha esposa.

Ana, André e **JORGE**. Os dois primeiros, mais velhos, estão presentes ao nosso redor. Estão ao nosso lado, vivos, nos dando apoio. Mas a tristeza nos consome, impõe uma saudade imensa, pois, o Jorge não está mais entre nós. Com 39 anos, no dia 25 Agosto de 2021, nos deixou. Uma doença traiçoeira privou-o da vida.

Que posso falar do Jorge? Filho amado, querido. O caçula com que fomos premiados: eu e a Paz após 10 anos, quando não cogitávamos ter mais um filho, até porque estávamos caminhando rumo à maturidade. Jorge foi um presente de Deus. O mesmo Deus que o levou. Confesso: o ocorrido me subtraiu a fé naquele dia. Depois, já passados mais de sete meses, me vejo aceitando os desígnios da vida, do destino e de Deus.

JÁ me reconciliei com Deus. Lembro de um salmo: “Da eternidade à eternidade tu és Deus... Senhor, tu tens sido o nosso refúgio...” (Salmo 90). **OPORTUNO** lembrar que essas palavras do salmista me trazem à tona a calma da saudade e me fazem dizer: meu filho, enquanto viver, não te esquecerei. **RETORNO**, como se fosse um sonho feliz, ao tempo em que estivestes entre nós. Nascido no Rio de Janeiro em 1982, tal qual seus dois irmãos, Jorge se julgava um brasileiro. Dizia que sua namorada era Brasília. Ali, estudou na creche Canarinho, no Santo Antônio e no Maristinha, todos na Asa Sul. Em seguida, ingressou no Colégio Militar de Brasília-CMB, onde





concluiu o ensino fundamental e médio. Nos três anos de ensino médio, por meio do PA /UNB, ingressou nessa marcante Universidade. cursou Direito e Mestrado em Direito Constitucional. No CMB fez grandes amigos. Cito: Rodrigues, Fujimoto e Matioli. Este último, amigo dileto, o acompanhou no fim dos seus últimos dias, fazendo-se até mesmo de cuidador. Ao Matioli e tantos outros, o meu eterno agradecimento pelo carinho, paciência e solidariedade com que trataram meu filho. Jorge desde o final da infância foi o nosso protetor, cuidador. Ajudava-nos em tudo. Saiu de casa aos 22 anos. Foi professor, trabalhou em escritório de advocacia, exerceu função no DEPEN- Ministério da Justiça e foi componente ativo na Secretaria do Social num governo pretérito do Distrito Federal. Estudava com afinco para concursos dentro da área escolhida. Foi aprovado no concurso do Ministério Público, tendo se tornado Procurador da República. Ainda no período do Mestrado conheceu a Adriana, a quem se uniu e nos deu dois queridos netos.

Luzia em Jorge a alegria de servir, em especial, às minorias, aos pobres e aqueles mais atingidos por esse fosso social, permanente que nos envergonha como brasileiros. Meu filho dizia-me que o Ministério Público deveria permanentemente importar-se com o que está esculpido na Carta Maior: a construção de um projeto constitucional; preocupar-se com a concretização de direitos, em favor dos mais vulneráveis. O Ministério Público deveria ouvir com atenção o que se fala na rua, na comunidade.





GOSTARIA de ENCERRAR esse pequeno discurso escrito falando sobre meus netos e noras. Todos fazem parte da alegria que nos envolve. Sofia de vinte e três anos, Priscila de 22 anos, Larissa de 15, Julia de nove. O pequenino Guilherme de dois anos e sete meses, sua irmã Julia de 11 anos, além da minha nora Fernanda.

E deixei para o fim, dizer o quanto devo à minha nora Adriana e o quanto ocupam meu coração os dois netos especiais: Luiza, a flor de 12 anos e Lucas com 7 anos. Digo que terão sempre no sogro e avô o carinho, o cuidado e o amor que lhes dedicarei até o final de meus dias.

Por fim, o que me torna feliz? Quis Deus e o destino nos reunir para assistir ao descerramento de uma singela placa com o nome de meu filho, em reconhecimento ao que sempre realizou: trabalhar, servir e ouvir o próximo. Vejam que a tarefa é imensa e poucos são os operários.

João Maria de Medeiros
(Pai)





ESTE É UM RELATO de uma mãe para um filho que foi embora antes do combinado. Depois de oito meses de espera, numa sexta-feira, no dia 23 de abril de 1982, chegou ao mundo um menininho de 45 cm, 2,500 gramas, chamado Jorge Luiz Ribeiro de Medeiros

Sempre foi um menino carismático, alegre e brincalhão. Foi muito mimado pela irmã Ana Lúcia, 13 anos mais velha, e pelo irmão André Luiz, 10 anos mais velho. Com os pais e irmãos morou nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Porto Velho, Brasília, Amambai e Dourados. Já casado, na Cidade de Goiás, Manaus, Rio Verde e Goiânia.

Sempre foi um bom filho, irmão, esposo, pai e amigo dos amigos. Quando moramos em Amambai, com nove anos participou do Grupo de Dança Mirim do Centro de Tradições Gaúchas-CTG, era uma gracinha pilchado e eu o chamava de meu “cariucho”, (carioca + gaúcho). Aos 9 anos de idade, ia comigo à APAE de Amambai – MS e tratava as crianças com deficiência como se fossem iguais a ele.

Lembro-me quando ele ainda estava no Colégio Militar, que numa festa junina as meninas se vestiram de meninos e os meninos de meninas. Foi uma pândega, tinha cada menina “menino” desengonçada. Foi muito divertido.

Pelo Colégio Militar fez duas viagens ao Nordeste e uma à Disney. Ao entrar na Faculdade de Direito foi muito bem. Foi até presidente do Diretório Acadêmico. Ainda na faculdade, foi com o amigo Mاتيoli durante um mês mochilar na Europa. Voltou de lá felicíssimo. Após





a formatura fez o Mestrado com a Adriana, lá se conheceram, ficaram juntos e se casaram. No nascimento da Luiza, ficou muito feliz, dizia que já tinha experiência porque tinha ajudado a irmã na criação da Sofia e da Priscila.

Foi morar na Cidade de Goiás e lá fez muitas amizades. Estudou muito e passou no Ministério Público Federal- MPF, para Procurador da República e foi locado em Manaus. Em Manaus, em 2014, nasceu o Lucas, para fazê-lo ainda mais feliz. Conseguiu uma transferência para Rio Verde e foi morar em Goiânia. Escreveu livros, fez vários artigos sobre Direito e Direitos Humanos, plantou um abacateiro no nascimento da Luiza, um pé de acerola para o Lucas. Os amigos deram um ipê amarelo por ocasião do falecimento dele, que também foi plantado no jardim do nosso prédio. Então, ele cumpriu o que devemos fazer nesta vida: escrever livros, ter filhos e plantar árvores. Jorge, teria muito mais a falar da sua trajetória nessa vida, mas deixarei que seus amigos falem sobre você.

No final de 2019, apareceu a doença que o levou. Depois do diagnóstico, ainda ficou conosco um ano e 8 meses, quando não resistiu e foi embora. Queria deixar registrado aqui a falta que você faz para nós, seus pais, sua esposa, seus filhos, irmãos, demais familiares e amigos. As saudades são muitas.

Que você esteja num lugar bom e que Deus sempre te proteja.

Paz Therezinha Ribeiro de Medeiros
(Mãe)





CONHECI JORGE EM SEU primeiro semestre na UnB, de riso fácil, muitos amigos, disposto a aprender e viver a universidade. Acompanhei o grupo de amigos e amigas que cresceu e amadureceu com ele, onde Jorge exercia um papel de liderança, afetiva, lúdica e intelectual ao mesmo tempo.

Tive a sorte de ser escolhido por ele para ser seu orientador no Mestrado, em projeto singular sobre a constitucionalidade do casamento homossexual, muito antes do STF se pronunciar sobre o assunto. Jorge escolheu o tema por amizade, sensibilidade e empatia, típicos dele.

Jorge sempre foi um cara do bem, de bem com a vida, com Adriana, sua companheira, de bem com Luiza e Lucas, seus filhos, com seus pais, com os amigos e com o mundo. Desconheço quem possa falar mal do Jorge por qualquer motivo que seja relevante, e, se houver, não deve ser boa pessoa e deve estar mentindo.

Ele se tornou professor na UFG e logo demonstrou amor pelos estudantes, pelos colegas e pelo conhecimento. Sua vocação revelou-se pela dedicação incansável. Como Procurador, logo abraçou as causas mais difíceis e humanas.

Tudo que possamos falar não representa seu amor e sua alegria.
Jorge, um cara do bem.

Salve Jorge!

Alexandre Bernardino Costa
(Professor e amigo)





JORGE ERA UM GRANDE. Um procurador da República que não tinha a pressa dos mais afoitos nem a letargia dos mais acomodados. Ele sabia onde estava e para quê estava. Queria ajudar a transformar o país e via no Ministério Público Federal (MPF) um caminho para atuar, interferir na realidade e enfrentar desigualdades - na defesa dos trabalhadores sem terra e de quem mais precisasse.

Da tortura nos quartéis à escravidão contemporânea na Amazônia, Jorge sempre encarou temas duros. Soube fazer a atuação contra a corrupção sem criminalizar a política e colocou os direitos da pessoa com deficiência como bandeira de vida, tendo batalhado para manter a chama dessa luta dentro da instituição.

A sua capacidade de diálogo era notável, tanto nos casos que conduzia como na habilidade para apartar disputas internas. Mas na hora de pôr a tal da risca no chão, ele não titubeava. Pronto para dialogar com amplos setores dentro do MPF, nunca deixou de tecer críticas duras e ácidas ao então crescente discurso salvacionista e à ascensão de um pensamento não comprometido com o projeto de 1988. Suas críticas viravam textos que ajudavam a contestar os rumos de uma instituição que se apegava a apenas uma de suas funções institucionais - a atuação criminal - e não lambia as próprias feridas.

Como resultado dessas preocupações, Jorge ajudou a criar o “MPF em movimento”, um projeto cujo objetivo consiste em dialogar com movimentos sociais na construção de políticas públicas





e de parcerias permanentes com o órgão. Quando surgiu o projeto, em 2013, a euforia com a ideia de que a PEC 37 havia sido derrotada nas ruas ofuscara os erros de uma instituição que acreditava estar no caminho certo. Nadando contra a corrente, ele tinha a certeza de que, para ter um MPF achado na rua, era necessário mudar a rota.

Jorge nunca parou de pensar e viver o MPF. Pouco antes de partir, estava debatendo a federalização de crimes contra Direitos Humanos. Nunca parou de sonhar. O dia 23 de abril, sua data de nascimento, é o mesmo da minha posse. Nada mais perfeito. Para mim, Jorge é sinônimo do MPF com o qual eu sonhei. E vice-versa.

*Julio Araújo
(Amigo e colega de
Ministério Público Federal)*





JORGE FICOU CONHECIDO NA turma da Faculdade como “Xórxi”. O carioquês e a fala malemolente se tornaram a marca autêntica do carisma de uma pessoa especial que, antes de tudo, sempre alimentou uma alma curiosa e ativa.

O coração de estudante de Jorge também o empolgou a atuar na peça “O Mercador de Veneza”, de William Shakespeare, um projeto pioneiro de extensão que busca aliar o aprendizado do direito por meio do teatro e das artes em geral.

Na militância acadêmica, participou ativamente de duas gestões do Centro Acadêmico de Direito (CADir/UnB). Sempre entendeu – e tinha um orgulho bonito de manifestar isso – que o papel do jurista jamais se reduziria às leis. Havia algo mais a procurar.

Animado por todas as discussões que envolvessem desigualdades e discriminações, Jorge participou ativamente de iniciativas de pesquisa. Foi bolsista de iniciação científica pelo então PIBIC, monitor de diversas disciplinas do Curso de Direito da Universidade de Brasília. Foi além: junto com um grupo de colegas mobilizou o Corpo Docente para a criação do Grupo Sociedade, Tempo & Direito.

Após a graduação, enquanto Mestre em Direito, Jorge desenvolveu pesquisas jurídicas pioneiras em que sustentou a constitucionalidade do casamento homoafetivo (e não apenas da união civil) ainda no ano de 2007. Esse pensamento de vanguarda no campo do que hoje se chama direito das famílias somente passou a ser discutida no Supremo brasileiro mais de três anos depois.





Jorge, nosso amigo, foi, como diria o poema de Drummond, um semeador de Lírios. Por onde passou (na Academia, no mundo do trabalho, e, sobretudo, na vida), foi um jardineiro de bons tumultos que florescem, para além das leis, para embelezar as lutas por um mundo menos injusto e menos desigual.

Daniel Vila-Nova

(Amigo e colega de Graduação e Mestrado em Direito na UnB)





É 2022. O BRASIL caminha para eleições difíceis e o mundo enfrenta uma guerra. Sabe quem faz falta? Você, Jorge! Você, cuja vida foi expressão de leveza e empatia. De saber encontrar a beleza nas coisas simples ao redor; de buscar sempre se colocar no lugar das outras pessoas.

Você, se estivesse por aqui, colocaria uma playlist pra tocar e faria as pessoas vibrarem em outro embalo. Você, se estivesse por aqui, escreveria uma poesia que faria brotar sorrisos nos olhos de quem lesse ou ouvisse. Você, se estivesse por aqui, desviaria do caminho fácil, “do lirismo de funcionário público”, pra escrever uma peça ou uma tese que ajudasse a aplacar o sofrimento de alguém.

Faz oito meses que estamos sem você e que só nos resta reviver essas memórias e, a partir do que elas nos ensinam, tentarmos ser o melhor de nós mesmos. Daí, de onde você estiver, olha pela gente!

Fábio de Morais Sá e Silva
(Amigo e colega do Mestrado em Direito na UnB)





CONHECI O JORGE EM 2002, Márcia em 2008. Tivemos o prazer de, cada um à sua maneira, desenvolver amizade com ele. Fomos amigos por 20 anos, compartilhamos sorrisos, abraços, sambas, confidências, sonhos e uma casa por três anos. A Márcia conhecia o Jorge desde 2008, mas entre 2016 e 2019 dividiram um apartamento em Rio Verde.

O Jorge nos marcou de diferentes formas. Poderíamos falar muito sobre isso. Porém, uma coisa em comum era o reconhecimento que tínhamos sobre o seu empenho em relação à paternidade. Jorge foi pai por inteiro. Foi pai por ele, pelas crianças e pela Adriana. Foi pai por prazer, mas também por saber da importância de estar presente para a Lulu, o Luquinha e a Adriana. Sua paternidade não era apenas um ato afetivo, mas um agir político, um exemplo de responsabilidade.

Hoje, como pais do Miguel, compartilhamos o luto, a saudade, as histórias e o exemplo deixado por ele.

Eduardo Gonçalves Rocha
(Amigo e colega na UFG Regional Goiás)

Márcia Cristina Pudinger De Fazio
(Amiga)





QUIS O DESTINO ME dar o irmão mais velho que, enquanto criança, sempre pedia aos meus pais como presente de natal. Embora o Jorge, nos primeiros meses, tenha me chamado de Henrique ao menos umas 10 vezes.

Das improváveis situações, a exemplo de uma viagem de 4 horas e meia em um ônibus “pinga pinga” que mais parava do que trocava de marchas à escala de quais eram os melhores sanduíches de Goiânia (com o Dom Rapha ainda em primeiro lugar, meu irmão), ou ao chope de procedência duvidosa que nos transformou em balões de gás.

Eu posso afirmar - e sempre agradecer - que tive o privilégio de ter me tornado uma pessoa (e um profissional) melhor pelo tempo que o Jorge esteve em minha vida (e por tudo aquilo que ele me ensinou).

O pulso, em meu coração, vai sempre pulsar. E eu sempre vou levar comigo tudo que aprendi com você, meu irmão.

Feres El Assal
(Amigo e ex-aluno de Direito/UFG Regional Goiás)





É CURIOSO PENSAR: EM que momento uma amizade vira uma grande amizade?

Eu não consigo lembrar muito bem em que momento eu e o Jorge viramos grandes amigos. Talvez tenha sido lá pelos 14 ou 15 anos, durante o recreio do Colégio Militar decidimos formar uma banda. Ninguém tocava nada ainda. A ideia era: O Jorge aprendia a tocar guitarra, o Fujimoto baixo e eu bateria. A partir desta empreitada foram várias horas tocando violão embaixo do bloco no “bairro oeste”, momento em que o sudoeste era mais mato que cidade. Mas faltava uma bateria.

Um ano depois, já no cursinho pré-vestibular, tinha um cara do Cruzeiro que ia jogar uma bateria velha fora. Mas, como dizem os ingleses, “one man’s rubbish is another man’s treasure”. No final, demos R\$ 50,00 para ele e ele vendeu a bateria pra gente. O problema era como buscá-la. Meus pais eram contra a ideia de ter uma bateria em casa. Então, o jeito era levar a bateria no braço do cruzeiro até a casa do Jorge, no sudoeste. A pé. Depois, pouco a pouco, tínhamos que levar a bateria para minha casa, na 104 sul. De ônibus. Acho que quando cheguei com o bumbo em casa meus pais entenderam o que estava acontecendo. Talvez as marcas que a ferragem da bateria deixou nos nossos braços por alguns dias fosse um selo de que a partir daí éramos grandes amigos.

Ou talvez tenha sido quando decidimos juntos entrar para o Grêmio de Engenharia para fazer uma viagem para o Nordeste. Brasília - Natal - Recife - João Pessoa. De ônibus.





No acampamento do Serviço Militar? Ou será quando passamos na UnB e eu acabei morando por um mês na casa da “tia” Paz, pois meus pais haviam sido transferidos para o Rio?

Lembro que algumas vezes descemos caminhando da casa da “tia” Paz na 306 norte para a UnB. Foi o Jorge quem me botou pilha para estudar de verdade para o PAS e, por sua influência, entramos juntos na UnB em 2000.

Em 2004 realizamos um super sonho. Mochilar pela Europa. Aí já éramos grandes amigos. Da viagem o que mais me lembro foi, pela primeira vez, encontrar os parentes da minha avó que ficaram na Itália. Era uma mesa gigante com uma lasanha enorme no meio e um monte de gente, incluindo o Jorge, falando alto. Penso que neste momento, o Jorge já era família.

Depois, nossos caminhos se separaram. Cada um prum canto. Cada vida um rumo. Vieram filhos, mudanças, cidades. Sempre que dava, nos víamos, mas já não era tão frequente.

Quando a Adri me avisou que o Jorge estava de partida, fui pra Brasília. Não sabia nem se chegaria a tempo de dizer adeus. Mas deu tempo. Acabei acompanhando o Jorge por cinco noites no hospital. Apesar das circunstâncias, rimos um bocado. Escutamos música. Lembramos de muita coisa boa. Pude dizer adeus e agradecê-lo: que privilégio ter o Jorge como amigo!

Rodrigo Mattioli

(Amigo e colega de Colégio Militar em Brasília)



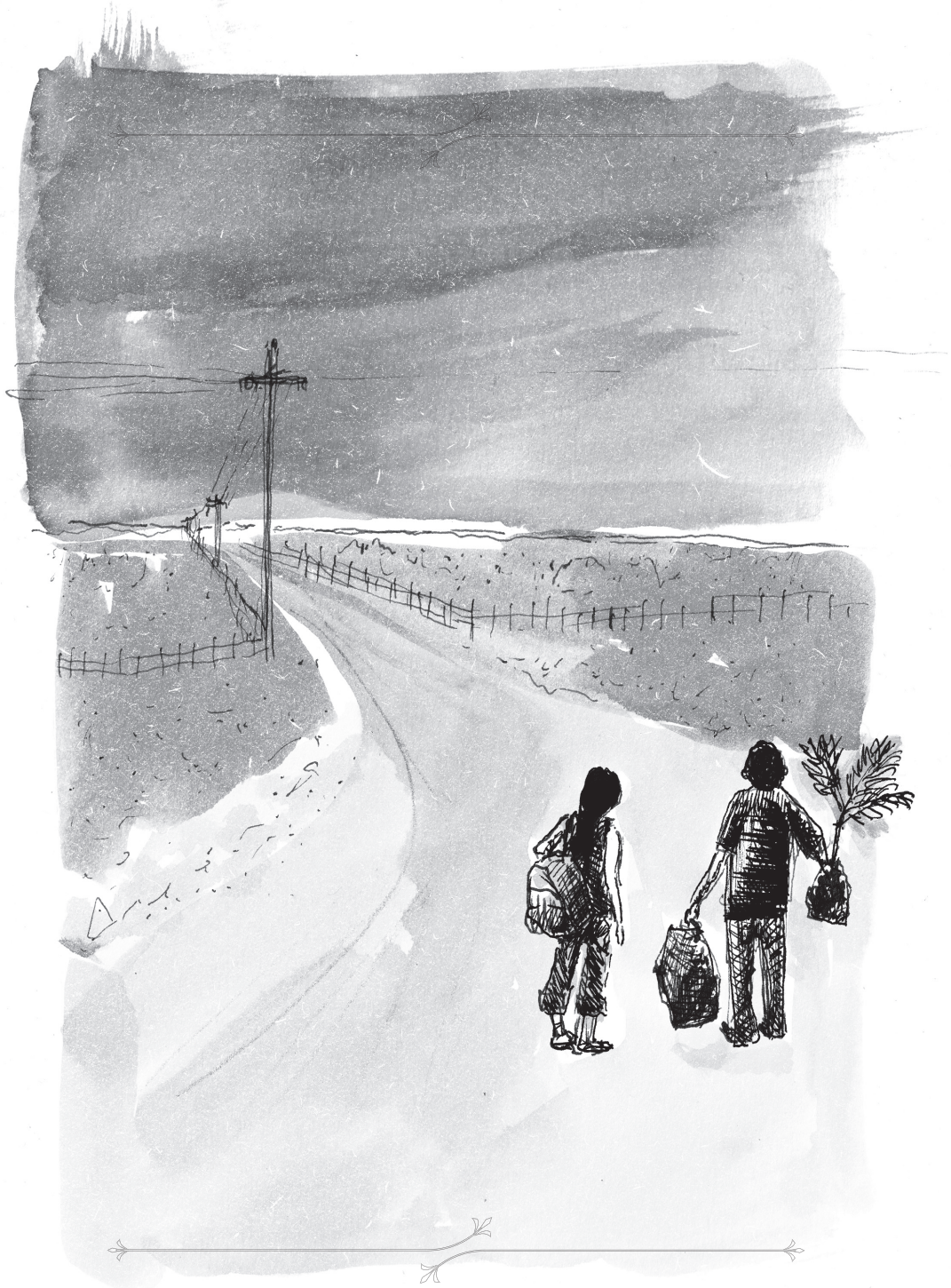


O JORGE ADORAVA ESTA foto. Um casal carregando uma árvore diante de um caminho longo e árido sob um céu cinzento. Na foto, não dá para saber onde o caminho vai dar. Uma metáfora para a vida, ele disse. Fora da fotografia congelada no tempo, os caminhos chegam aos seus finais.

Embora o caminho do Jorge tenha sido mais curto que gostaríamos, é uma alegria e um alento saber que o Jorge plantou suas árvores e frutos pelo mundo. No sorriso da Luíza e do Lucas. No coração dos amigos, amigas, alunos, alunas. Nos livros. E como é triste demais escrever sobre o Jorge usando o pretérito, mudo o tempo verbal. O Jorge continuará sendo uma lembrança feliz. Uma luz que vem quando a vida pede mais coragem. Por aqui, seguiremos semeando o mundo que você gostaria de ver, meu amigo. Que nossos caminhos continuem se cruzando na eternidade.

Rodrigo Mattioli
(Autor da foto e do desenho)







JORGE É IRMANDADE, AMIZADE, amor, a piada pronta, riso solto. Jorge é o olhar que diz tudo sem precisar falar nada. É piscina de cueca, é cantada desajeitada, é preguiça, foto inadequada e o áudio na madrugada. Jorge é samba, é rock, é pop Jorge foi, jorge é, jorge sempre esteve e está presente.

Marcelle Gomes Figueira
(Amiga)





ESTAMOS AQUI, MARA CARVALHO e Alessandra Farias, em nome da Turma Evandro Lins e Silva -UFG/PRONERA, trazendo abraços, afetos, solidariedades, gratidões emanadas por nossa turma.

Assim tocamos a vida, uns seguem aqui nessa labuta às vezes alegre, às vezes dolorida. E outros partem nos deixando legados, conhecimentos, boas recordações e uma imensa saudade de um tempo bom, de um tempo de realização de sonhos e conquistas sociais. Obrigado Professor Jorge, por sua passagem em nossas vidas! Com saudade, com amor e ternura ao próximo, com o sonho de um novo mundo, um amanhã mais justo para os povos que sofrem e que lutam por uma vida digna. Seguiremos aqui com o seu exemplo e ensinamentos, sonhando e lutando na nossa batalha diária. Fica aqui registrado a nossa gratidão eterna por tudo!

Nesse momento externamos também nosso carinho e solidariedade a toda família, de forma especial, a nossa querida professora Adriana Andrade de Miranda. Trazemos o nosso abraço e nosso colo para te acolher neste momento difícil. Bastante intenso e doloroso mas, também, um momento de reflexão sobre a nossa caminhada e de recordação dos bons momentos de vocês com a nossa turma. Precisamos falar de nossos sentimentos hoje e agora porque talvez não teremos a oportunidade de dizer amanhã. A vida é um sopro.

Entre tantos amigos/as queridos/as professores/as flores, choros e risos na despedida, deixamos aqui o poema Mãos Dadas de Carlos Drummond de Andrade, poema que ele havia nos oferecido durante nossa Aula da Saudade em 2012 na Cidade de Goiás – GO.





MÃOS DADAS

Carlos Drummond de Andrade

*Não serei o poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes.
A vida presente.*

Jorge Medeiros...presente, presente, presente!

Turma Evandro Lins e Silva
(Direito/UFG Regional Goiás)





ONTEM, HOJE, AGORA E SEMPRE

Parece que foi ONTEM,
Jorge estava aqui, feito carne e afeto.
HOJE, ele continua aqui,
feito retrato na parede,
participando dos acontecimentos da família.
AGORA, ele segue,
feito flor, árvore, telhado, parede
e muro,
onde no tempo da saudade,
plantaremos avencas, SEMPRE!!!

Mulheres Coralinas



FORAM OS DIAS MAIS CEGOS
DA MINHA VIDA É UMA
PENA NÃO TER MAIS DIAS
ASSIM:

